

# Vale-tudo eleitoral

**MINAS GERAIS** De olho em 2022, Romeu Zema usa a máquina e trava guerra com o prefeito da capital, Alexandre Kalil

POR ANA FLÁVIA GUSSEN

**P**ragmático, bem avaliado e quase sem oposição na Câmara dos Vereadores, Alexandre Kalil não teve dificuldade para se reeleger prefeito de Belo Horizonte no primeiro turno das eleições de 2020, com mais de 63% dos votos válidos. Sem os traquejos de um político profissional, o ex-dirigente do Atlético Mineiro conquistou a simpatia da população com sua fala sincera e jeito bronco, tornando-se um natural (e fortíssimo) candidato ao Palácio Tiradentes, sede do governo de Minas Gerais. O céu de brigadeiro da primeira gestão contrasta, porém, com as turbulências que enfrenta após as relações entre a prefeitura e o Legislativo implodirem. Alvo de três CPIs e cinco pedidos de *impeachment*, Kalil enfrenta o maior desafio desde que se instalou no edifício em estilo *art déco* que abriga o Executivo municipal.

Por trás da reviravolta está justamente a disputa eleitoral travada com o atual governador, Romeu Zema, do Novo. A crise estaria sendo gestada por um ex-aliado de Kalil, o líder do governo de Minas no Congresso, deputado federal Marcelo Aro, do PP, “dono” de uma bancada de sete vereadores, incluindo a mãe vereadora, Professora Marli. Com a adesão de outros nomes da oposição, três do Novo e três bolsonaristas, o grupo controla metade dos votos na Câmara, difi-

cultando a aprovação de projetos estratégicos da prefeitura. Um caso emblemático foi a rejeição de um empréstimo de 900 milhões de reais para o Programa de Redução de Riscos de Inundações e Melhorias Urbanas na Bacia do Ribeirão Isidoro, na região da Vilarinho. Ano após ano, a região sofre com inundações. “Foi um crime o que fizeram contra a população. O Kalil não morre afogado quando a Vilarinho inunda, mas sim o povo”, afirma o prefeito (*entrevista à pág. 26*).

Um dos pedidos de *impeachment* contraria com 19 apoios, mas antes precisa passar por uma comissão que vai analisar a sua legalidade. Vereadores chegaram a mostrar para a reportagem de *CartaCapital* uma lista de cargos que teriam sido articulados entre Aro e Zema, para garantir oposição irrestrita ao prefeito e aprofundar a crise política. Inviabilizar o Executivo com promessas de cargos

**Líder do governo de Minas no Congresso, o deputado federal Marcelo Aro, do PP, ampliou a bancada de oposição a Kalil em Belo Horizonte**

foi estratégia usada por Eduardo Cunha no golpe contra Dilma Rousseff, mas isso não parece ser mera coincidência. Aro é afilhado político do ex-presidente da Câmara, que costumava desfilhar pelo Salão Verde da Casa Legislativa com um “pixuleco” de Lula vestido de presidiário – depois, Cunha acabou cassado e condenado a 15 anos e 11 meses de reclusão no âmbito da Lava Jato. Foi durante as articulações pela deposição de Dilma que Aro se tornou um dos parlamentares mais atuantes nos bastidores da política nacional. Hoje, ele é um dos principais articuladores das visitas de Zema a ministros de Bolsonaro, como Ciro Nogueira, ministro da Casa Civil, que, por sinal, foi presidente do PP, partido que pode abrigar Zema e o presidente da República para o pleito de 2022.

**Aro, que também** é diretor de relações institucionais da CBF, cargo conquistado na época áurea de Cunha, possui dois pleitos junto a Zema: coordenar a campanha à reeleição e garantir a indicação de seu irmão, atual presidente da Federação Mineira de Futebol, Adriano Aro, ao Tribunal de Justiça de Minas. Em nota, o governo Zema diz que “respeita e reconhece a autonomia dos poderes na competência das respectivas recomendações e reforça que a decisão do chefe do Poder Executivo será pautada por critérios de idoneidade, ética e aptidão dos indicados para o cargo”.

Em julho, o deputado articulou o encontro de Zema e do presidente do Tribunal de Justiça de Minas, Gilson Soares, com o presidente da República, Jair Bolsonaro. Além disso, seu primo Cássio Guilherme Coutinho ganhou, no fim do ano passado, o cargo de diretor da Cemig Soluções Inteligentes, uma subsidiária da Cemig. A estatal é alvo de uma CPI na Assembleia Legislativa, por denúncias de aparelhamento pelo governador.

A relação de Kalil com Marcelo Aro azeudou depois que o deputado partici-



**Sintonia.** Romeu Zema e Marcelo Aro estão afinados nos planos de reeleição

pou das negociações para a formação de um bloco de apoio a Zema no Legislativo mineiro, onde seu pai, o deputado Zé Guilherme, também do PP, tornou-se vice-líder do governo. Na briga, a presidente da Câmara, vereadora Nely Aquino, indicada por Kalil, teria “virado a casaca” após ter sido cotada como um nome para compor ou a chapa com Zema ou ser vice do vereador Gabriel Azevedo à prefeitura de Belo Horizonte em 2024. Ela nega e diz que as divergências atuais não possuem qualquer relação com as eleições de 2022. Sobre sua relação com Aro, ela afirma que eles possuem afinidade “porque ambos reconhecemos a importância de construção coletiva da boa política, com projetos e ações em benefício da população”.

Gabriel Azevedo, inclusive, é amigo de Aro e do ex-secretário-adjunto de Kalil, Alberto Lage, que deixou a prefeitura “atirando”, após denunciar um suposto caixa 2 comandado pelo secretário de governo, Adalclever Lopes, do MDB. Segundo a denúncia de Lage, estaria ocorren-

## Seu País

do um suposto esquema de financiamento irregular de campanha para 2022 por Adalclever junto a empresas de ônibus. Ele também acusou o secretário de pressionar uma agência de comunicação a realizar uma pesquisa eleitoral sem custos. O caso foi parar no Conselho de Ética e acabou arquivado por falta de provas.

**Entre os vereadores** da oposição, outra reclamação é de que Adalclever teria prometido, mas não entregado, alguns cargos no Executivo, uma grave falha na articulação política. O secretário nega as denúncias e apresenta-se como vítima de uma campanha difamatória: “Não vamos fazer *fake news* nem tentar atacar a honra de ninguém”. Adalclever é, ao lado de Fuad Noman, vice-prefeito, o principal articulador de Kalil. Ex-presidente da Assembleia por duas vezes, ele é considerado um dos passaportes para Kalil tornar-se mais conhecido no interior do estado.



## “É CLARO QUE TEM RELAÇÃO COM 2022”

Alexandre Kalil comenta a crise política que enfrenta em Belo Horizonte

**A**lvo de três CPIs e cinco pedidos de *impeachment*, o prefeito de Belo Horizonte atribui a crise que enfrenta às conspirações de seu principal adversário na disputa pelo Palácio Tiradentes, o atual governador e candidato à reeleição Romeu Zema, do Novo. Apesar de apontar a correlação entre as denúncias de que é alvo com 2022, Kalil ainda se esquivava de perguntas sobre as eleições do próximo ano: “Acho

desrespeitoso com a população faminta”.

**CartaCapital:** A que o senhor atribui a crise que enfrenta hoje, depois de um primeiro mandato tão tranquilo e bem avaliado?

**Alexandre Kalil:** É claro que tem relação com 2022. Graças a Deus, a prefeitura vai muito bem, paga seus fornecedores em dia, é bem avaliada. Agora abriram uma quarta CPI, uma vez que a anterior morreu no nascedouro,

porque não conseguiram emplacar. Tentaram colocar dois bolsonaristas ferrenhos, parte da oposição também ligada a Bolsonaro e acabaram, agora, cometendo um erro técnico. Apurem, eu boto a cara. Não tenho compromisso com o malfeito. Mas os escândalos que estão aí são parte de uma estrutura midiática. Precisamos lembrar que isso aqui não é joguinho de internet, tem CPF envolvido e gente cometendo crime de calúnia.

**CC:** Como o senhor avalia a atuação da chamada “Bancada do Aro”, aquele grupo de vereadores ligados ao líder de Zema no Congresso?

**AK:** Olha, o deputado faz o que acha certo. Por outro lado, o prefeito tem a prefeitura limpa e o deputado sabe também como trato a coisa pública. Até porque estamos voltando para um momento em que o povo está sem carne para comer, com botijão de gás a 120 reais. Creio que os nossos deputados federais deveriam estar empenhados em priorizar esse debate.

**CC:** O presidente Jair Bolsonaro deve subir no palanque de Zema em Minas e



**Guerra.** A Câmara boicota até obras contra enchentes na capital. O secretário Adalclever é um dos pivôs da crise política

Azevedo, Lage e o diretor de Comunicação da prefeitura, Victor Colares, ganharam os holofotes há uns anos por fazerem parte da juventude tucana em Minas, também conhecida como a “Turma do Chapéu”. Uma das especialidades do grupo era atacar opositores nas redes sociais. Ao que tudo indica, o trio – que ordenou a campanha de Kalil – rompeu depois que Victor mostrou a Kalil uma mensagem de texto enviada por Azevedo, na qual ele supostamente “ameaçava” o secretário de governo Adalclever. Este, por sua vez, reagiu com uma queixa-crime contra o vereador.

**Com mais de 147 milhões** de eleitores, Minas Gerais concentra 10,65% dos votos do País, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral. Para Bolsonaro, a reeleição de Zema é fundamental para que ele também obtenha êxito no estado. Segundo a última rodada da pesquisa DataTempo, divulgada em 4 de outubro, Zema possui

40% das intenções de voto, ante 19% de Kalil. Na tentativa de reverter a desvantagem, Kalil assumiu recentemente a presidência da Federação Mineira de Prefeitos, desativada há um ano e meio, e começou a viajar pelo interior aos fins de semana.

A estratégia do PSD é lançar Kalil ao governo e dar palanque ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, que está migrando para o partido e tem planos de se candidatar à Presidência da República. Na chapa ao Senado, Antonio Anastasia é o mais cotado. Caso ele assuma uma vaga no Tribunal de Contas da União, o suplente de senador e presidente do PSD mineiro, Alexandre Silveira, ocuparia a vaga. Enquanto isso, Zema topou aparecer sem máscara ao lado de Bolsonaro e busca enturmar-se a todo custo. A “mineiridade” de Guimarães Rosa passa ao largo da nova política do “pão de queijo”.

Procurado pela reportagem, o deputado Marcelo Aro não respondeu aos pedidos de entrevista de *CartaCapital*. •

tem intensificado os investimentos no estado.

**AK:** Eu não escolho amigo de ninguém, escolho os meus. Mas o que o governo federal deu ao povo mineiro efetivamente foi a conta da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), uma empresa falida que será privatizada (dos 2,8 bilhões de reais anunciados para a expansão do metrô, 1,6 bilhão será destinado ao saneamento da empresa para a privatização). Depois, quem vai garantir o compromisso contratual da empresa privada?

**CC:** As pesquisas mostram que seu nome é desconhecido no interior do estado.

Como reverter esse quadro?

**AK:** Está muito cedo para tratarmos disso. Olha só, hoje estou com a chuva aqui em Belo Horizonte. Inunda tudo, então acho desrespeitoso com a população que está faminta falar em eleição. Quem está preocupado com eleição agora são os políticos. Que eu pegue meu domingo, meu sábado para fazer viagens pelo interior do estado, mas, durante a semana, todos os dias, temos compromisso com o povo que nos elegeram.

**CC:** A propósito, os vereadores vetaram um projeto que previa 900 milhões de reais para obras de combate

às enchentes, sua maior derrota na Câmara.

**AK:** Foi um crime o que a bancada do Novo e os outros vereadores fizeram contra a população de Belo Horizonte. É um projeto elaborado com a ONU, mas eles foram lá com a motosserra e jogaram no chão. Fizeram algo contra o prefeito que não vive em condição subumana. O Alexandre Kalil não afoga na chuva quando a Vilarinho inunda. A situação de Vilarinho e Venda Nova mata muita gente. Essa foi a prova cabal do nível de consciência de parte desta câmara dos vereadores, e que no final respinga sobre toda população.



**“É desrespeitoso com a população faminta falar em eleições”, despista**

